

DAS FAVELAS CARIOCAS À CIDADE DO AÇO: A Inserção do Funk em Volta Redonda (1990 – 2018)

Manuela Borges Alves Corrêa¹

Paul O. Vargas²

Luana da Silva³

Resumo

Este artigo tem como finalidade apresentar e analisar a inserção do funk na cidade de Volta Redonda entre os anos 1990 e 2018. O recorte temporal se justifica pela nacionalização do gênero musical nos anos noventa, assumindo características próprias, e no ano de 2018 foi o encerramento das pesquisas feitas em campo. Aborda-se a trajetória dos bailes funk pela cidade, assim como a maneira como este gênero musical marginalizado atinge e representa a juventude em suas diversas camadas sociais. Analisa-se como o ritmo foi se adaptando à cidade, se popularizando com o decorrer dos anos, sendo de origem negra e periférica, sofrendo diversos preconceitos e discriminações que não serviram como impedimento para sua rápida popularização. Grupos organizados de funk enfrentaram muitas resistências e lutas para poderem se expressar e continuarem com as organizações de bailes e apresentações. Para traçar um perfil dos frequentadores dos bailes foi utilizado o conceito de Michel Maffesoli, chamado tribo urbana, uma vez que o gênero musical se tornou famoso e acabou formando características próprias para o grupo de pessoas que apreciam e são adeptas do som. O conceito de Stuart Hall denominado celebração móvel foi utilizado como referência para guiar o desenvolvimento deste artigo, pois considera-se que o gênero musical foi se modificando e adaptando ao longo do tempo. Por fim, apresentou-se o resultado obtido por pesquisas de campo realizadas através de questionários respondidos por participantes de eventos de funk e distribuídos em colégios particulares e públicos da cidade de Volta Redonda.

Palavras-chave: Funk. Marginalização. Volta Redonda.

¹Graduada em História pelo UGB/FERP.

²Graduada em História pelo UGB/FERP.

³Doutora em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

FROM THE FAVELAS OF CARIOCA TO THE CITY OF STEEL: The Insertion of Funk in Volta Redonda (1990 – 2018)

Abstract

This article aims to present and analyze the insertion of funk in the city of Volta Redonda between the years 1990 and 2018. The time frame is justified by the nationalization of the musical genre in the nineties, assuming its own characteristics, and in 2018 it was the closing of field research. The trajectory of funk dances throughout the city is discussed, as well as the way in which this marginalized musical genre reaches and represents youth in their various social strata. It is analyzed how the rhythm was adapting to the city, becoming popular over the years, being of black and peripheral origin, suffering various prejudices and discrimination that did not serve as an impediment to its rapid popularization. Organized funk groups faced a lot of resistance and struggles to be able to express themselves and continue with the organization of dances and presentations. Michel Maffesoli's concept, called urban tribe, was used to draw a profile of the people attending the dances, since the musical genre became famous and ended up forming its own characteristics for the group of people who appreciate and are adept at the sound. The concept of Stuart Hall called mobile celebration was used as a reference to guide the development of this article, as it is considered that the musical genre has been changing and adapting over time. Finally, the results obtained from field research carried out through questionnaires answered by participants of funk events and distributed in private and public schools in the city of Volta Redonda were presented.

Keywords: Funk. Marginalization. Round Round.

Introdução

“Pra quem não conhece o funk
é com muito prazer
que eu me apresento
agora pra você.
Eu sou a voz do morro
o grito da Favela
sou a liberdade
em becos e vielas.
Sou da sua raça,
sou da sua cor,
sou o som da massa,
sou o funk eu sou.”
(MC Dollores e Galo)

O presente artigo tem como objetivo analisar a inserção do funk na cidade de Volta Redonda de forma que seja compreendida a formação social, geográfica e econômica dos bailes na cidade, podendo assim especificar uma *tribo urbana*. O sociólogo Michel Maffesoli, em 1985, conceitua como tribo urbana grupos de pessoas que se unem com base em interesses comuns e em conformidade com hábitos específicos. A pesquisa foi desenvolvida inicialmente a partir do Projeto de Iniciação Científica – PIC, no Centro Universitário Geraldo Di Base, proposto pelo Professor Doutor Paulo Célio Soares, no ano de 2018, com o título “A Expansão do Funk na Cidade do Aço”.

A cidade de Volta Redonda tem como característica ser uma cidade operária, desenvolvida a partir da implantação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, criada em 1941. A construção da CSN ditou a forma de organização da cidade, visando receber os operários que vinham de diversas localidades do Brasil para trabalharem na Companhia Siderúrgica Nacional.

Com a grande popularização do funk nos anos de 1970, na cidade do Rio de Janeiro, as primeiras equipes organizadas de som serviram como principal meio cultural e de comunicação para a população suburbana da cidade, e os bailes ocuparam espaço como opção de lazer e entretenimento. O funk carioca se formou como um ritmo produzido pelas camadas marginalizadas e periféricas.

Os primeiros bailes funks surgiram na cidade do Rio de Janeiro e começaram a ter cada vez mais características daquele grupo social que compunha o funk, o ritmo que antes era uma mixagem de sons vindos dos Estados Unidos, começa a ganhar letras e refletir a realidade daquela população marginalizada. (FACINA e LOPES, 2012). Os primeiros bailes funks foram organizados no final dos anos dos anos 1970, no Canecão, casa de espetáculos localizada na zona sul do Rio de Janeiro, área nobre. Como o funk é um ritmo proveniente das camadas sociais marginalizadas, com a alta frequência nos chamados “bailes da pesada”, a grande maioria das pessoas que iam aos bailes eram das áreas suburbanas cariocas.

No Memorial da Democracia⁴, um museu virtual, encontramos informações que exemplificam como a alta frequência de suburbanos na zona sul do Rio de Janeiro incomodou e de que maneira os bailes se adaptaram na cidade:

Os “bailes da pesada”, como ficaram conhecidos, chegaram a reunir até 5 mil pessoas, provenientes de todos os bairros cariocas. Mas incomodaram a classe média e os próprios astros da MPB com a ocupação de um de seus templos, o Canecão. Os bailes migraram então para a zona norte, a periferia e os morros, sempre tocando ingênuas versões e melôs inspiradas nos sucessos norte-americanos.⁵

Com a grande popularização do funk, já nos anos de 1980, o ritmo começa a se expandir pelas cidades do estado do Rio de Janeiro, chegando a cidade de Volta Redonda. Com isso, o artigo tem como objetivo principal apresentar como a cidade recebeu o ritmo, os aspectos socioeconômicos dos adeptos ao funk, como a população reagiu com a sua chegada e quais mudanças foram apresentadas com o tempo após a inserção do ritmo.

O recorte temporal escolhido se dá pela chegada dos primeiros bailes funk, já com características nacionalizadas, em Volta Redonda no ano de 1990, até o encerramento das pesquisas, em 2018, feitas empiricamente em eventos de funk a partir da distribuição de questionários, no âmbito do já mencionado Projeto de Iniciação Científica (PIC – UGB). Com um recorte temporal que compreende 28 anos buscamos notar a adaptação do funk na cidade e sua influência.

É relevante também situar o recorte temporal a partir da história do tempo presente, entendendo que estudar o tempo atual é enfrentar desafios específicos. Mesmo que a história do tempo presente seja alvo de críticas por alguns historiadores, é de suma importância reconhecer as singularidades e as possibilidades que

⁴ Museu virtual produzido pelo Instituto Lula com o objetivo de contribuir para o resgate da memória das lutas de nosso povo pela democracia, pela igualdade e pela justiça social. Endereço eletrônico: <http://memorialdademocracia.com.br/page/bronca-social/estilos/funk>, acessado em: de novembro de 2020.

⁵ Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br>

representa ao instrumentalizar a análise de “objetos de estudo” vivos, uma história viva.

A demanda social pelo estudo da história recente tem assim levado a comunidade dos historiadores a rever suas posições. Mesmo que a busca da “verdade histórica” permaneça a regra de ouro dos historiadores (e mesmo que se saiba que jamais se chegará a ela), e que a denúncia das falsificações deva ser preocupação constante, isso não significa a retomada de certos pressupostos tão caros aos historiadores do passado, tais como a necessidade da famosa visão retrospectiva para se conquistar maior objetividade, ou a desqualificação das fontes orais, consideradas subjetivas e distorcidas. (BERDÁRIDA, 1993 apud FERREIRA, 2000, p.10)

A cidade de Volta Redonda

Localizada na Região Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro, a cidade de Volta Redonda fica a 101,1 Km da capital. Durante o século XVIII a região foi um importante trajeto que levava minério até o litoral. Assim como foi, no Ciclo do Café, século XIX, importante região por se localizar próxima ao estado de Minas Gerais, São Paulo e à capital Rio de Janeiro.

Durante os anos de 1940, o território começou a receber um forte investimento industrial com Getúlio Vargas. Foi construída a maior siderúrgica da América Latina e a mais importante do Brasil, chamada Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, que moldou toda a forma que a cidade se desenvolveria. Até o ano de 1954 a cidade ainda era distrito de Barra Mansa, tempos depois da instalação da CSN e após diversas marchas políticas que desejavam autonomia político-administrativa, veio a sua emancipação em 1954. (AGUIAR e TEIXEIRA, 2008).

A cidade de Volta Redonda tem características peculiares das demais cidades da região Sul Fluminense, pois é uma cidade com um planejamento voltado para os operários, toda desenvolvida e influenciada pela criação da CSN. As áreas de lazer também foram construídas relacionadas com o desenvolvimento da siderúrgica, são exemplos: o Recreio dos Funcionários, o Círculo dos Trabalhadores Cristãos – CTC, o Náutico e o Umuarama.

Volta Redonda ao ser caracterizada como uma cidade operária desenvolveu aspectos típicos da cultura urbana. De acordo com Rosa Helena Mendonça (2009):

Urbano vem do latim e significa 'o que é próprio da cidade'. Cultura urbana seria, por extensão, a expressão de grupos que desenvolvem sua arte nas ruas, nos bairros, em espaços públicos que são democratizados, criando novas sociabilidades. São projetos com um potencial transformador, uma vez que gestados nas/pelas comunidades, em especial nas chamadas periferias. Na maioria jovens, esses atores sociais estão ou estiveram na escola, tecendo redes entre educação e cultura. (MENDONÇA, 2009, p.03)

A cidade operária que havia sido planejada toda de acordo com a construção da CSN sofreu alterações na sua organização espacial. Com o decorrer dos anos e interferência das pessoas que não se tornaram operários da siderúrgica e que precisaram buscar novos espaços e formas para viver na cidade, houve a ocupação e deslocamento para a área à esquerda do Rio Paraíba do Sul (ARAÚJO, 2015).

O lazer em Volta Redonda

A cidade de Volta Redonda foi projetada para ser uma cidade operária, mesmo que inicialmente a cidade não tivesse área de lazer planejada para seus operários, não deixou de incluí-las no seu planejamento. (LOPES, 1993) Em 1950, foram construídos espaços para lazer dos trabalhadores visando principalmente os da CSN, tudo pensado pela empresa. Como apresenta Araújo (2015):

Com isso, a difusão das atividades físicas e culturais promovidas pela empresa contribuiu para forjar uma identidade coletiva e subjetiva através do entretenimento de massa e da propaganda do governo, promovendo a família siderúrgica. Para esse modelo de sociedade industrial-fordista, era necessário forjar o trabalhador adequado, e para tal era preciso pôr em ação elementos que permitissem uma conotação mais positiva do trabalho industrial. (ARAÚJO, 2015, p.06)

A partir dessa informação sobre a construção de uma “identidade coletiva e subjetiva” e uma “conotação positiva do trabalho industrial” que a empresa organizava as formas de lazer para seus funcionários. É relevante informar também que existiam espaços destinados aos trabalhadores com menor qualificação e trabalhadores da elite, os mais qualificados. Havia uma segregação entre os funcionários, existiam clubes destinados a cada um dos dois públicos. Para os menos qualificados ficara estabelecido o Clube Náutico e o Clube Recreio dos Trabalhadores, já para a elite ficou estabelecido os eventos organizados no Clube Umuarama e Clube dos Funcionários (ARAÚJO, 2015).

Mesmo com o passar dos anos, essas características ainda são fortes para eventos destinados a cada grupo de pessoas, dependendo da sua origem e classe social. Com a chegada do funk na cidade nos anos de 1980, os espaços que abriram suas portas para receber o ritmo de origem periférica eram espaços destinados aos pertencentes das camadas marginalizadas. O Clube CTC (Círculo Dos Trabalhadores Cristãos), recebeu os primeiros eventos de funk, conhecidos como baile charme, os eventos eram chamados de Studio Black (ARAÚJO, 2011).

O Funk na Cidade de Volta Redonda

“É som de Preto
De favelado,
Mas quando toca
Ninguém fica parado,
Tá ligado!”
(Amilka e Chocolate, 2005)

Já com o funk nacionalizado em 1990, com características próprias, não foi diferente a recepção, havia ainda uma segregação nos bailes. Após investigar sobre como os clubes receberam os bailes, foi constatado que bailes organizados em clubes que antes eram destinados à elite e aos menos favorecidos, nos anos de 1990, tornou-se diferente. Clube como Umuarama, possuía taxas mais baixas nos seus ingressos,

tornando-se de possível acesso para os mais humildes da cidade, principalmente dos bairros periféricos de Volta Redondas. Já clubes como Náutico e Aero Clube assumiram características de receber os mais elitizados da cidade em seus eventos, pois possuía valores mais altos em seus ingressos, demonstrando que embora seja um ritmo de origem negra e periférica, quando organizado em espaços destinados aos elitizados, não existia um incentivo para facilitar o acesso das pessoas advindas das periferias da cidade.

Como pontuado no tópico anterior, sobre a segregação nos clubes da cidade, posteriormente os bailes vão para as ruas, organizando-se ao ar livre, assim como ocorria no berço do funk, na cidade do Rio de Janeiro. O funk se popularizou rapidamente pela cidade, trazendo equipes de som, como Furacão 2000, expandindo cada vez mais e popularizando o funk nacional.

Bailes funk ou bailes da pesada são os nomes dados aos eventos de funk que trazem à tona a problemática que diz respeito ao encontro de integrantes que formam o que Michel Maffesoli (2006) denomina por *tribos urbanas*. São indivíduos identificados como funkeiros que se unem por meio de um interesse em comum, havendo conformidade de hábitos e sendo por isso legítimos integrantes deste grupo específico da diversa sociedade brasileira.

Em Volta Redonda essa forma de lazer representada pelos bailes, onde a juventude encontra refúgio, diversão e arte supre uma lacuna diante à ausência de projetos culturais oficiais. É responsabilidade do estado concretizar espaços culturais, acesso à educação e segurança para os jovens, mas como não encontram, usam o funk e suas manifestações para suprir essa demanda.

É dentro desse contexto de novos referenciais simbólicos que podemos colocar o movimento funk. Os jovens encontram no funk uma sociabilidade e uma nova forma de representação social para expressar o seu descontentamento. (ARAÚJO, 2011, p.106)

Muitos jovens sem perspectivas encontram nas manifestações ligadas à música uma maneira de sobreviver e se identificar frente à realidade difícil em que eles vivem. Dessa forma, o conceito “celebração móvel” de Stuart Hall, sociólogo e teórico cultural, contribui para o entendimento de que os indivíduos e suas

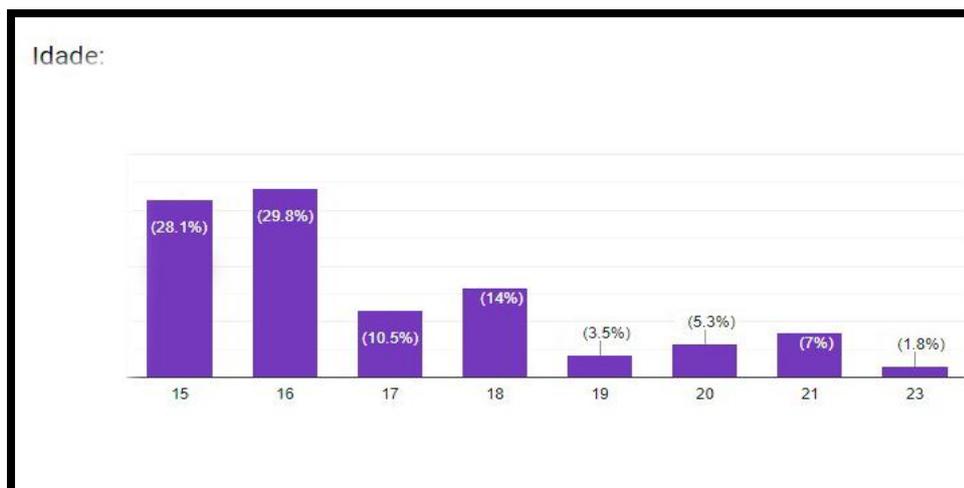
manifestações culturais estão em constante transformação, no caso do ritmo do funk, há a formação e transformação de maneira contínua de seus integrantes e subgêneros.

Abaixo segue o material que foi construído junto com o professor, coordenador e orientador da pesquisa, Paulo Célio Soares, em 2018, durante o Projeto de Iniciação Científica (PIC). A pesquisa constou no desenvolvimento de um estudo quantitativo por meio de perguntas através de um questionário on-line aplicado em escolas públicas e particulares de Volta Redonda e em eventos de funk na cidade. Para a realização do questionário anônimo as perguntas foram pensadas de forma que fosse identificada uma base de renda familiar como indicativo de classe social; a auto identificação como funkeiro; e quais as características marcantes do modo de se vestir das pessoas que frequentam os eventos.

Ao analisar os questionários respondidos, chegamos ao resultado de que muitos entrevistados não se autodenominam como funkeiros, mas escutam as músicas e frequentam os bailes, fato que destaca notável “tabu” para se considerar funkeiro e entender o funk como expressão musical da cultura brasileira. Mesmo que o gênero musical já tenha ganhado espaço na vida do brasileiro, tocando em rádios, novelas etc, foi constatada sua dificuldade de aceitação diante das diversas camadas sociais que compõem a sociedade de Volta Redonda.

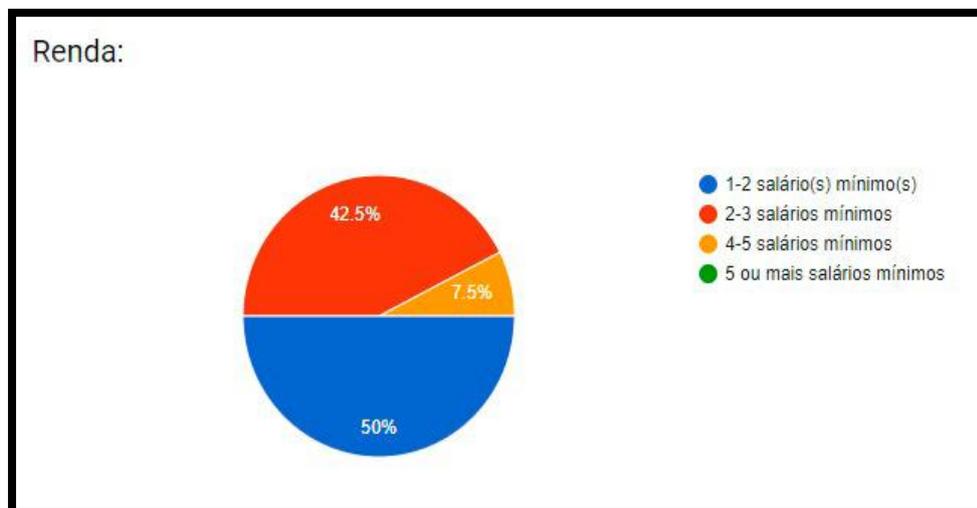
Como entregamos a maior quantidade de questionários nos colégios, obtivemos maior número de respostas com idades de 15 a 18 anos, mas também obtivemos respostas de idades de 15 a 23 anos, como mostra o gráfico acima, o que permitiu traçarmos uma estimativa de renda familiar e características utilizadas pelos que se consideravam funkeiros e que podem ser enquadrados como um estilo da tribo dos funkeiros.

Gráfico 1. Faixa etária



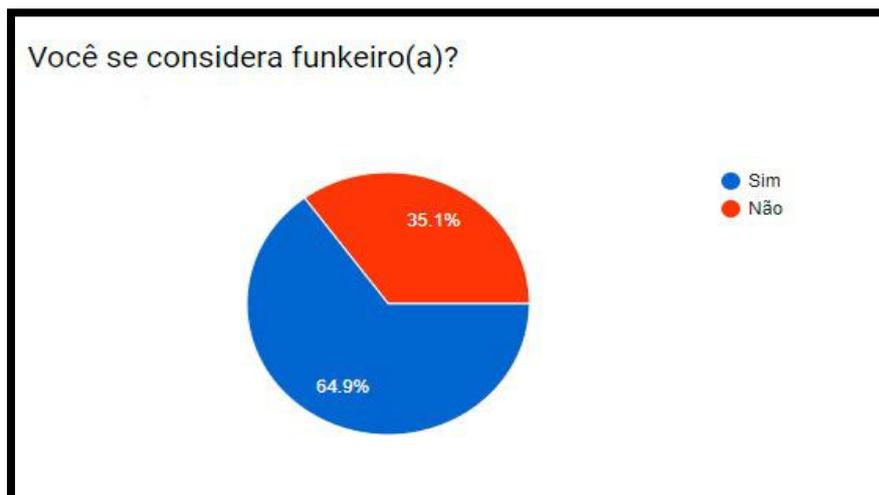
Fonte: Pesquisa do Autor

Gráfico 2. Renda familiar



Fonte: Pesquisa do Autor

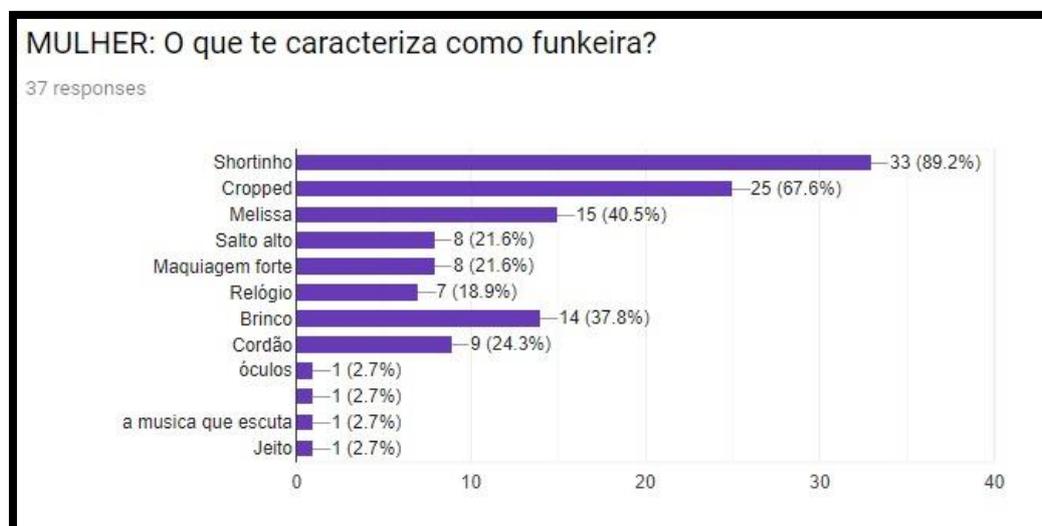
Gráfico 3. Autoidentificação como funkeiro



Fonte: Pesquisa do Autor

Os que responderam “SIM” para se considerarem funkeiros, tivemos uma tabela com diversos “apetrechos” para marcarem qual era o estilo de vestimenta que o entrevistado considerava para um estilo de funkeiro. Tivemos uma tabela de respostas livres para a pessoa responder, uma com trajes considerados para mulheres e outra para os homens.

Gráfico 3. Resultado de pesquisa para trajes femininos



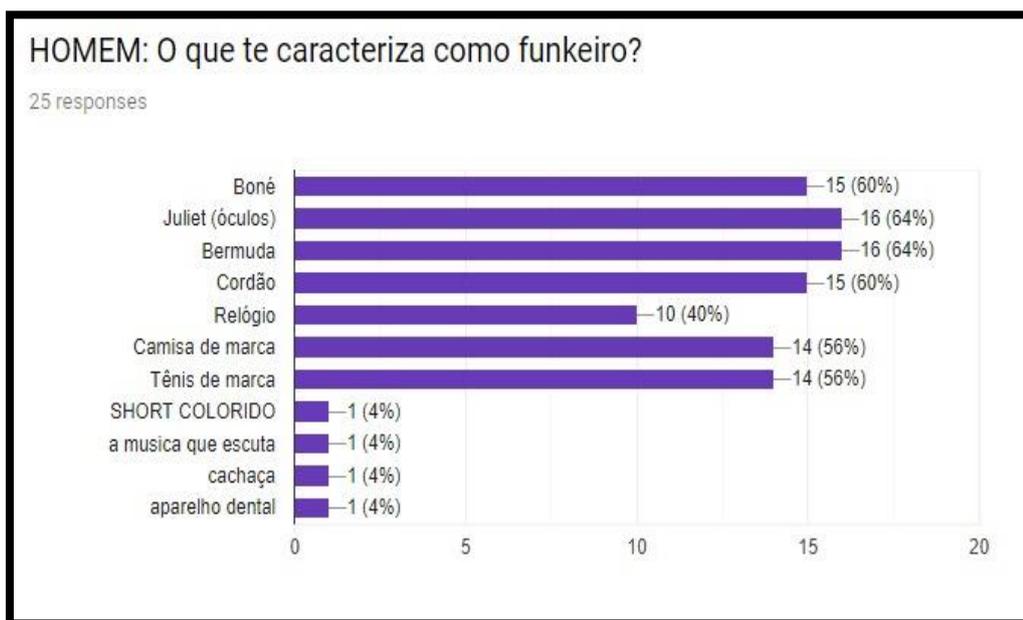
Fonte: Pesquisa do Autor

Figura 1. Bonde das Maravilhas



Fonte: www.r7.com/pop

Gráfico 4. Resultado de pesquisa para trajes masculinos



Fonte: Pesquisa do Autor

Figura 2. Rennan da Penha



Fonte: Revista Época

Considerações finais

Os resultados obtidos na pesquisa finalizada em 2018, através do Projeto de Iniciação Científica (PIC – UGB), mostram a influência do funk na juventude de Volta Redonda, tanto na perspectiva da renda familiar, quanto da autoidentificação como funkeiros e uma caracterização geral dos modos de vestir de homens e mulheres do funk. Além disso, buscamos mostrar, por meio de pesquisa bibliográfica, como os bailes funk chegaram à cidade de Volta Redonda já na forma nacionalizada, durante os anos 1990 e foram inseridos nas boates criadas para o lazer dos operários que trabalhavam na CSN, expandindo assim para as demais camadas sociais, elitizadas e periféricas.

Concluimos com esse artigo que o funk chegou à cidade de Volta Redonda pelas boates destinadas principalmente ao público operário, mas foi popularizado e chegou até boates elitizadas. Nos primeiros anos do funk na cidade, anos seguintes aos de 1990, o funk não se concentrou somente nas boates, mas também ganhou espaço nas ruas. O gênero musical, mesmo sendo famoso e muito popular no tempo presente, ainda sofre com os preconceitos por ter origem da periférica e negra. Os movimentos de resistência do funk ainda lutam muito por espaço cultural nas ruas,

pois quando o som está sendo tocado em eventos públicos para pessoas que não pertencem à elite branca da cidade, sofrem discriminações e diversas agressões. Como diz a letra do funk de Amilcka e Chocolate em 2005: “é som de preto de favelado/ mas quando toca ninguém fica parado”.

O conceito de Maffesoli, chamado tribo urbana, nos amparou ao traçarmos o estilo desses funkeiros que responderam aos questionários da pesquisa e nos permitiu definir os perfis apresentados. Entendemos que o funk se modificou durante os anos, assim como sua tribo. Com isso, utilizamos o conceito de Hall, chamado celebração móvel, para compreender a modificação dessa expressão cultural que é dinâmica e que segue se adaptando com o passar do tempo. Dessa forma, podemos destacar também que embora a tribo urbana e o gênero musical mudem com o tempo, ainda encontram preconceitos e sofrem muito por suas raízes provenientes de um povo marginalizado, mas que não cede a toda discriminação colocada sobre eles, é a resistência da cultura negra.

Ao identificarmos na contemporaneidade a presença e representatividade do funk e dos funkeiros para a juventude de Volta Redonda, assim como a realização dos bailes e sua resistência ao longo do tempo, destacamos a história do tempo presente como importante caminho teórico e metodológico para o entendimento do surgimento e construção de movimentos culturais da cidade. Assim, o presente artigo contribui para o fortalecimento da história presente de expressões culturais marginalizadas como o funk que precisa ser respeitado, ouvido e compreendido como manifestação cultural, social e histórica⁶.

Portanto, é de suma importância reconhecer e respeitar o funk como uma expressão cultural proveniente das camadas marginalizadas, que por ser considerado de *preto e pobre* sobre diversas discriminações. Mesmo após o ritmo ter atingido diversas camadas populares, ser reconhecido como patrimônio cultural imaterial da cidade do Rio de Janeiro⁷ e ter formado sua própria tribo urbana, o funk ainda é perseguido. Embora a música muitas vezes não receba a devida atenção, é de

⁶Lei 4124/08, aprovada apenas em 2018 que reconhece o Funk como uma manifestação cultural popular, de autoria do então deputado Chico Alencar (PSOL/ RJ).

⁷Projeto de lei nº 722/2018, fica declarado Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial da Cidade do Rio de Janeiro o gênero musical denominado *Funk* Tradicional Carioca.

extrema importância reconhecê-la como porta-voz de um grupo que sofre no dia a dia pelo seu estilo, por suas raízes e por sua cor.

Referências

AGUIAR, Crelúzia Gratal e TEIXEIRA, Maria de Fátima Coelho. **TRAJETÓRIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE VOLTA REDONDA: Análise histórica desde a sua criação até a atualidade.** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2008.

A PEGADA. MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/page/brocasocial/estilos/funk#:~:text=Bronca%20Social%20%2F%20Funk%20A%20Pegada&text=Os%20%E2%80%9Cbailes%20da%20pesada%E2%80%9D%2C,de%20seus%20templos%2C%20o%20Canec%C3%A3o>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ARAÚJO, Fábio Salgado. **A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de lazer para os trabalhadores: os clubes sociorrecreativos.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. 15 set. 2015.

ARAÚJO, Fábio Salgado. **A territorialidade dos bailes funks em Volta Redonda: espaço de lazer da juventude de baixa renda.** Revista GEOMAE, Campo Mourão, v.2, n.1, 2º Semestre, 2011.

ARCE, José Maria Valenzuela. **O Funk Carioca.** In: HERSCHMANN, Micael Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Artemídia Rocco, 1997.

BITTAR, Paula. **Câmara reconhece o funk como manifestação cultural popular.** Rádio Câmara. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/542397-camara-reconhece-o-funk-como-manifestacao-cultural-popular/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

COMO O FUNK SURTIU E QUAIS AS SUAS PRINCIPAIS POLÊMICAS. Disponível em: <https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/>. Acesso em: 11 nov. 2020. História. Prefeitura de Volta Redonda. Disponível em: <https://new.voltaredonda.rj.gov.br/8-interno/12-historia>. Acesso em: 11 nov. 2020.

COUTINHO, Reginaldo Aparecido. **A ELEVAÇÃO DO FUNK CARIOCA A “PATRIMÔNIO CULTURAL”: COTIDIANOS EMBATES SOCIAIS E IDENTIDADES EM TORNO DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 5543/2009.** Universidade Estadual de Londrina – Paraná, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios.** Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, n. 3, p. 111-124, maio/jun. 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Adriana Carvalho e FACINA, Adriana. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas. Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, n. 6, p. 193-206, maio 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MASCARI, Felipe. **MC Cabelinho resgata funk consciente em disco de estreia: Elite se faz de cega.** Rede Brasil Atual, 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2020/10/mc-cabelinho-album-ainda/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

OLIVEIRA, Vilmar Pereira. **A INFLUÊNCIA DO GOSTO MUSICAL NO PROCESSO DE CONTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA JUVENTUDE.** Pontífica Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, p.131-145, 2012.

REDESCOBRINDO A HISTÓRIA. Disponível em: <http://acervodosbailes.blogspot.com/search?q=1990>. Acesso em: 11 nov. 2020.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk Carioca.** Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2 abr. 2014.